Número 297 GUIMARÃES, 9 de Novembro de 1930 Ano 6.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO RÈPUBLICANO PORTUGUÊS

Director, Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Emprêsa de *A Velha Guarda*

Editor, Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

UM SANTO

II

Não mais puderei esquecer essa impressão formidável. Foi por uma deliciosa manhã de primavera, a luminosa, risonha e clara primavera do céu e das flôres de Lisbôa, que, acompanhando o Dr. Manuel Monteiro, então Ministro da Justiça, e na qualidade de seu chefe de gabinête, e o Dr. João Barreira, o ilustre professor e crítico de arte, visitei a Escola Central de Reforma, em S. Domingos de Bemfica, onde havia uma exposição de trabalhos manuais e educativos e desenho livre. Conheci, então, pessoalmente o Padre Oliveira e logo me deu a impressão de o ter visto há muito, sem nunca o haver encontrado, na figura do bom cura de almas e do apóstolo da instrução, ideada pela generosidade afectiva dos romancistas, ou sugerida na leitura da vida angustiosa e aureolada dos grandes mártires do amôr às crianças. Era domingo. Os internados, repelidos da sociedade que os parturejara à mais triste miséria, alinharam-se ao ar livre, o tronco nu, e começaram, dirigidos pelo professor Lima Barreto, um exercício de ginástica.

Senti assombrosa comoção. Havia qualquer coisa de trágico e ao mesmo tempo confortador naquêle esfôrço. Parece que alma obscura, dolorida, dos rapazes obedecia ao rítmo do corpo. Na respiração funda, como se ouvia o alívio de um íntimo mal vencido e expurgado. Impecáveis de serenidade, muito dóceis no esfôrço, os ossos do peito vincando fortemente, os musculos retesos, na dôce ou sacudida musicalidade dos gestos, uma dôce simpatia nos levava irresistivelmente a compartilhar da sua má sorte, de que eram apenas as inocentes vítimas, ai quantas vezes! ferozmente perseguidas até à porta daquêle supôsto cárcere que mãos piedosas e santas lhe haviam, por um milagre do coração mais inteligente do que a inteligencia, transformado em sereno, em quieto, em puro lar de família. Em todos os nossos olhos havia lágrimas e, sem as disfarçar, eu cumprimentei com minhas mãos levianas e ignorantes as honradas mãos utilíssimas do benemérito e devotado professor.

A literatura russa tem, como críticas manifestações do génio eslavo, para nós, um singular atrativo, que julgo em muito derivado da sua fina e desconcertante profundeza psíquica. Ao visitar a exposição, foi como se de surpresa me encontrasse num mundo estranho e perturbante, ao vêr tam nitidamente revelarem-se, e por os mais simples processos, os secretos reconditos da alma. Ao rapaz, que as procelas da vida para ali arremessaram, dava-se um craião, um pincel, tintas; algum barro, e dizia-se que pintasse ou modelasse o que mais e melhor lhe apetecesse. Vi os desenhos, as modelações, as pinturas. Pois, quando eu era moço estudante, lembro-me um dia, por desígnio certo e apenas movido pela curiosidade, de lêr, devorar, saturar-me de livros sôbre educação, comprados ao acaso das montras, ou mesmo encomendados expressamente.

Risquei passagens, tirei centenas de apontamentos, na verdade insaciável porque convictamente insatisfeito e desapontado quanto mais via crescer minha ignorância. Muito mais aprendi eu naquêle exame. O internado, por uma série daquêles fenómenos em que se enredam os psicologistas, fielmente retratava o meio donde viera, a tara do seu temperamento, ou as lucilações do sonho que seduziam o futuro. Era a guitarra e a faca, a esquina duma viela tortuosa, um beiral, com um vaso de mangerico, a mastreação de um barco, a mula das carroças ou as jumentas dos vendedores ambulantes, a mêsa de uma taverna com as garrafas e os copos, scenas de alcoolismo e de prostituição. Lentamente, sob a influência já agora da escola, o espírito como se desmaterializava da escravidão hipnótica, e a vaga de ideal ia subindo, um sôpro de arte passáva ligeiro, de uma sorridente amargura, um pouco de ar, e de sol, e de esperança, uma alumiada fé no amôr e na salvação. Pequenino, escutava as explicações do professor Meireles.

Almoçamos no jardim, debaixo do caramanchão, entre verdura, e velhas e mutiladas estátuas mitológicas. Foi um repasto delicado e sóbrio. O Padre Oliveira servia-nos com uma bondade santa e a sua conversa, amiga e desprendida, era contínuo e brando ensinamento. Uma lição em parábolas, porque, de cada dizer, logo sublinhava os factos ilucidativos, as curiosas e proficuas histórias que os seus livros encerram. S. Domingos de Benfica! E, como se estivera à mesa da avosinha, de uma serenidade confortadora, evocava a vida e o nome de Fr. Luís de Sousa, o drama de Garrett e a Vida do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Depois, no salão, alguns recitaram versos. Aí recebeu a maior consagração, que pode ambicionar um escritor, o poeta Correia de Oliveira. Da magnifica e enlevante colectanea de sonetilhos, que compoiem o *Menino*, ouvi uma selecta escolha. Com que viva dôr os recitou o moço e quanta profunda emoção não acordou em nossa alma opressa! Ali, a esperança, a ansiedade, a loucura de amor, o delírio do sofrimento dos pais, por aquela torcida bôca de um filho abandonado ao crime, ao vilipêndio, à lama das ruas e dos cárceres, ali, de um coração magoado aos nossos corações aflitos, e tocados de revolta contra tantíssima coisa... que é melhor calar, viveram êsses versos maravilhosos a sua hora mais sublime.

EDUARDO D'ALMEIDA

União Nacional

Há dias o «Diário de Notícias» publicou artigo sôbre a *União Nacional* e rematava por dizer que ela seria constituída por todos os bons portuguêses que desejam o bem da Pátria e o prestígio da República.

Pergunta-se: ¿ a de Guimarães, estará também disposta a prestigiar a República?

A contas com a Justiça

Informam-nos de que a snr.ª D. Rosa Maurício, desta cidade, vai proceder judialmente contra o sr. Rafael Guimarães, empregado da Administração do Concelho, por ter assistido, invocando a qualidade de autoridade, ao arrombamento da porta de entrada para a habitação desta senhora, quando se encontrava em tratamento no Gerez.

O arrombamento, que foi feito indevidamente, quer porque não havia motivo para o fazer, quer porque se o houvesse tratava-se duma questão de inquilinato que só o poder judicial podia resolver, seguindo as vias legais, foi como acima dizemos, efectuado na presença do referido Rafael.

Esperamos que justiça seja feita, pois é necessário reprimir com o rigor da lei abusos desta natureza. Justiça! Snr. Juíz.

Notas à margem

As cabras

Pobre cabra montesinha! Infeliz *capra hircus!* Fôste sentenciada á morte. Votou-se e parturejou-se o teu fatal extermínio. Linda e ágil cabrinha saltadora, fina e esguia, de olhar docemente esperto, de meigo focinho agudo e delicado, amante das escaladas de muros ensilvados, armando pinchos dos tapetes de rosmaninho verde para as anfractuosidades cinzentas da penedia; Tu que gostavas de abrir o dia num balir quase humano para que o rapaz do gado te soltasse da suja córte para a libertação do ar e dos campos; Tu, que tam acariciadoramente te deixavas munjir para que houvesse a malga do leite ás crianças, aos doentes e aos velhinhos; Tu, inteligente companheira do gado que, ainda mais rápida e nervosamente que os cães de guarda, anunciavas, a tempo, em ginásticas correrias de pitoresco e esplendido ritmo, o avizinhar de qualquer perigo; Tu, que embebias o olhar na agonia do poente, saudavas o levantar da estrela, e, mansamente, sob a tua prestesa, recolhias ao aprisco, obedecendo ao assobio do guia; e, por uma só hora de amor efervescente e cruel, num cerrado fora de casa, durante cinco mêses geravas em teu seio o lindo cabritinho, que logo te era arrancado para, depois de ser beijado e brincar algum tempo com as crianças, ser levado ao açougue, tu, que tantas vezes, de cima dos muros, surpreendeste os paroxismos e as mentiras do amôr humano;—tu, ó cabra, ou emigras ou morres de morte legal.

Os homens, que tudo barbaramente devoram, acham pérfida e daninha a tua gulosa ruminação dos gômos tenros; os homens, pesados e matulões, acham irritante a airosidade caprichosa dos teus saltos. Já andas em baixa almoeda; até já por empenhos se desfazem de ti. Os cabreiros passaram-te para outros concelhos, como se os homens não fossem todos iguais, quanto mais negam que o são; os curraleiros abriram-te as portas do matadouro; as donas, lançando contas, elas, coitadas, que não se importavam de tirar a comida da bôca para te dar, quási te deram de graça. Deixa grunhir o bácoro na outra córte. Bem vês que é um animal de eminentes qualidades sociais. Faz muitos mais estragos do que tu, em vida e depois da morte, pela infecção da estrumeira e pelas dispepsias e abarrotamentos das rojoadas. Mas êste nosso mundo é assim, ó cabra. O teu leite só aproveita aos fracos; a tua carne serve apenas para os doentes. Foge, emigra—que vingada estás. Deixa lá as tristes lágrimas da velhinha, de que eras o único amparo — ela já lhe viu morrer o homem, e os filhos saiem para não voltarem. Tu eras mais fiel e compadecida, voltavas sempre na sombra da noite. Deixa lá o berro das crianças: desfaz-se um pouco de brôa com bolor em água-pé aziumada e que rica chucha! Não olhes para traz, ó cabra, deixa executar-se a sentença dos homens, porque êles não te fazem mal a ti, mas a outros mais desventurados, mais perseguidos ainda do que tu e que são os pobres, as crianças e os velhinhos.

* * *

Devemos esclarecer que esta bucólica tirada, naturalmente escrita por algum estudantesinho de latim sôb a impressão das *Georgicas*, se não entende com certas cabras que passeiam impunemente e livremente pelas ruas da cidade, frequentando mesmo os largos mais centrais e ás horas de maior trânsito. Mas a excepção é de sobejo muito justificada porque essas prestam relevantes serviços sociais, tanto sob o ponto de vista da higiéne, como da moral.

Comentando a verdade

Há dias, tivemos ensejo de apreciar uns conhecidos reaccionários—cá na terra há farturinha disso—que discutiam com nervosismo *uns escritos* publicados neste jornal, alcunhando-os de *monárquicos infiltradores*. Não nos surpreendeu a conversa por já sabermos que suas ex.as não gostam que lhes toquem na chaga incurável a qual apenas segrega o pus venenoso da estúpida pretenção ao regresso do regime passado, o que, custe o que custar, não voltará mais. Mas, pelo menos, uma coisa aproveitamos aplicando-lhes o rótulo de *infiltradores*, pois ficamos a saber quais são alguns dos doridos...

E' nosso costume, e a nossa educação assim o exige, dar o seu a seu dono, isto é, não costumamos falar de tudo e de todos sem as devidas reservas, e por isso é que, quando nos dirigimos aos monárquicos, temos o cuidado de fazer a separação de dignidades, ou antes, separamos o trigo do joio.

Embora nossos adversários políticos, nem todos devem ser colocados no mesmo nível, motivo porque fizemos a devida selecção servindo-nos do têrmo *infiltradores*, optimamente adaptado aos *pseudo servidores* de certas situações politicas.

Pensamos bem? Pensamos mal? Pelo menos, entendemos que não estamos fora da lógica nem do bom senso, mas como não nos compete ser Juiz em causa própria, deixamos a resposta a quem de direito.

Ferrer de Sousa

Tem estado entre nós, o dedicado republicano e jovem jornalista, snr. Ferrer de Souza, que a esta cidade veio em propaganda da «Mala da Europa» revista que se publica em Lisboa sob a direcção do insigne artista Alfredo Cândido, e cujo primeiro número é dedicado ao Minho.

Léde e propagai "A Velha Guarda"

Os padres e a República

Os bispos portugueses, com aquela mansidão que todos nós conhecemos, não se cansam de aconselhar os padres—pelo menos no papel—a absterem-se de partidos políticos.

E principalmente do partido monárquico, visto a Igreja - pelo menos no papel—ter como norma o respeito pelos poderes constituidos.

Pois os padres portugueses, na sua grande maioria, na sua quási totalidade, riem-se das instruções dos bispos.

Ou sabem que essas instruções são apenas para republicano vêr ou fazem gala em as desrespeitar e contrariar.

Há alguem capaz de contestar isto?

De negar isto?

Os padres, segundo essas instruções episcopais, só podem pertencer ao Centro Católico. Não podem filiar-se em partidos políticos—e muito menos no partido monárquico, por ser adverso às instituições vigentes, com as quais a Igreja está em relações amistosas.

E o que é que sucede?

Na sua grande maioria, na sua quási totalidade, os padres portugueses são monárquicos.

Estão filiados no partido monárquico.

Trabalham, desesperadamente, em todas as eleições, pela monarquia.

Mais ainda:

— Há padres que figuram, ostensivamente, como directores de jornais monárquicos—jornais que em regra só vivem da mentira consciente, da calúnia e da difamação—e ainda não vimos um único bispo chamar êsses padres á ordem.

Para que servem, então, as instruções episcopais em matéria política?

Para que servem?

Apenas para republicano vêr?

E, afinal de contas, os nossos padres julgam que devem ser monárquicos—apenas por ignorância.

Julgam que, para serem bons padres, têm de ser reaccionários, têm de ser retrógrados, têm de contrariar todo o progresso e tôda a civilização, têm de puxar sempre para o arrôcho em prejuizo de tudo o que representa Liberdade e Democracia.

Quando devia ser exactamente o contrário...

Se conhecessem as doutrinas e os princípios cristãos, os padres sabiam logo que a essência da Igreja é democrática e liberal.

Profundamente democrática e profundamente liberal.

Mas, em regra, os nossos padres não conhecem nada.

Não conhecem, sequer, a História da Igreja, já não dizemos em todo o mundo—o que seria demasiado—mas a simples história da Igreja em Portugal.

Se a conhecessem, não andavam com a Monarquia sempre na bôca, em oposição á República—como se a Monarquia não tivesse sempre, em Portugal, escravizado a Igreja, ás suas imoralidades, aos seus caprichos e aos seus interesses.

Não houve reis, em Portugal, que confiscaram e roubaram os bens da Igreja?

Não houve reis que mandaram açoitar bispos?

Não houve principes que fizeram arrombar Igrejas e pisaram aos pés a própria Cruz?

A Monarquia não andou sempre em guerra com a Igreja, esbulhando-a, despojando-a, assaltando-lhe todos os bens e todas as prerrogativas?

A Monarquia não se revoltou diversas vezes contra o Papa, cortando relações com Roma?

Não foi um rei de Portugal que, depois de encarcerar o Bispo do Pôrto, lhe negou os próprios Sacramentos?

* * *

Mas os nossos padres monárquicos, de uma ignorância confrangedora, não conhecem nada disto.

Não sabem nada disto.

Meteu-se-lhes na cabeça que, pelo facto de serem padres, haviam fatalmente de ser monárquicos.

E não perdem ensejo de atacar, de combater, de ferir a República.

Levam o seu desprêzo pelas instruções episcopais até ao ponto de, nas próprias sédes dos bispados, dirigirem ostensivamente jornais de ataque ás instituições vigentes—jornais que em regra só vivem da mentira consciente, da calúnia e da difamação.

* * *

A República, talvez impoliticamente, talvez contra si própria, deu á Igreja uma liberdade de que ela não gozou nunca em Portugal.

A Igreja, hoje, goza em Portugal de uma liberdade que nunca teve.

Nomeia livremente os seus bispos, os seus cónegos, os seus padres.

Tem quantos templos quere.

Exerce o culto como quere e como entende.

Abre seminários e colégios.

Tem, enfim, a mais ampla, a mais plena liberdade.

Pois, em troca, os padres parece que se julgam obrigados a um único dever:

—*Atacar a República.*

Pode isto continuar?

Limitamo-nos a fazer esta simples pergunta.

Ribeiro de Carvalho

Da «República»

Assinai «A Velha Guarda»

Outro condôr...

mas da arquitectura... invertida

Num diário de Braga, certo *arqueólogo* vimaranense—desculpem-nos aqueles que o são—, deu-se ao desfastio de escrever crónicas sôbre a nossa terra e, como pela «lombada» se forma modernamente toda e qualquer cultura, arremessa-se contra o que Marques da Silva fez—o **único arquitecto premiado pelo estrangeiro e de renome europeu**—, dando se ares de sabichão e de conhecedor, chegando á desvergonha de pedir a demolição do que já está construído dos novos Paços do Concelho para que aquela pedra fosse aproveitada em qualquer outra coisa que não fosse aquela obra de democráticos que, no seu entender, afronta todo o bom conservador.

Condôr da arquitectura invertida, atasca-se de ignorância para vomitar o seu ódio, e tenta salpicar o saber, a competência e os vastos conhecimentos do Mestre—mestre a quem todos os arquitectos prestam homenagem e tributam admiração.

¡Que diferença, que diferença vai do grande Marques da Silva ao mísero cronista do diário bracarense!

¡Como se Marques da Silva fosse um principiante da arquictetura como o cronista o é nas letras!

¡Pobres dos pobres de espírito!

Que, em crítica honesta, discordasse dêste ou daquêle traçado, fundamentasse razões consentâneas á sua desinteligência, vá que não vá...

Porém, vir a terreiro com um pedido de terramoto, impondo a demolição duma obra que vai ser um monumento de arquitectura, «fechai as torneiras, rapazes!»—fechai os livros da bibliotéca da Sociedade, Ex.mos Directores!—, que Guimarães não deseja procriar maiores mentalidades do que a desta praga maldita de *críticos*.

GRÉMIO DO MINHO

Reuniu no passado dia 24 de Outubro, a Direcção desta agremiação. Depois de aprovada a ata da sessão anterior, procedeu-se á leitura de vário expediente, sendo resolvido, entre outros assuntos, o seguinte:

Agradecêr á Confraria do Bom Jesus do Monte—Braga—, a oferta do livro «Bom Jesus do Monte», autoria do snr. Dr. Alberto Feio;

Abrir a inscrição para todos os socios do Grémio, que queiram frequentar as aulas de estucadôr-decoradôr, desenho e modelação, que esta instituição pensa inaugurar brevemente, prestando-se gentilmente a dirigir os respectivos cursos, os snrs. Manuel Joaquim Pinto e Ennes Pereira, nossos prestimosos consócios;

Realisar nos dias 7, 14 e 21 de Dezembro, festas infantis, para as creanças, filhos dos sócios, que constarão de Arvore de Natal, distribuição de brinquedos, danças, cantares, musica, merenda familiar e outros divertimentos, para o que foi organisada uma comissão de senhoras;

Abrir a inscrição entre os associados, para a frequência das aulas de esgrima e dança de sala, estando convidados, para as dirigir, distintos professores;

Aprovou, um voto de sentido pezar pela morte da irmã do snr. Dr. Queiroz Veloso, e a admissão de novos socios.

Por ultimo, foi aprovada por unanimidade, a seguinte moção:

«Considerando que o problema de produção industrial e agrário, quando destinada a uma eficiente expansão económica, não dispensa em caso algum, uma regular organisação dos vários elementos de que se compõe ou de que depende;

Considerando que o problema geral de fomento, quando seja considerado na sua feição utilitária de progresso, ao serviço da riqueza publica, deve sêr interpretado na sua expressão positiva de previsões mercantis;

Considerando que uma organisação comercial, pela sua função insofismavelmente social, é um factor de enorme valia, indispensavel ás actividades industriais organisadas e creadoras de riqueza;

Considerando que, sendo necessário dar ás aspirações comuns uma finalidade segura, coordenando as varias actividades na sua missão competidora e tecnica;

Considerando que, da associação dos esforços na execução de um plano que consubstancie as aspirações gerais, deve resultar a satisfação plena dos interesses comuns;

O Grémio do Minho, integrado na sua missão coordenadora e orientadora, tendo em atenção os explendidos recursos naturais da província de Entre-Douro e Minho, querendo desenhar, praticamente, a personalidade económica e mental dessa região, lança, as bases da organisação de um Mostruário Industrial, que será um centro convergente das actividades regionais, em funcção de fomento».

Este número foi visado pela Comissão de Censura

C A Ç A

Inteligência util

Este artigo que deveria ser publicado há dois números, só hoje o foi e pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Cá está novamente no jornal, o snr. Gaspar Pimenta, e desta vez mais para se mostrar do que para se defender.

O nosso ilustre contendor aparece-nos de alto e vem de locomoção veloz qual gaivota ferindo os ares do mar.

Vem resolvido a destruír tudo, não respeitando sequer a norma de que—contra factos não há argumentos.

Afirma o pretencioso *sabichão*, que essa eleição preparada por ele para a anular com as irregularidades aconselhadas e cometidas de listas prenhes etc., *a não anulou por causas que por enquanto escusa de dizer.*

Não é precizo dize-lo o snr. Pimenta, dizemo-lo mesmo nós e baixinho,—sem ser *alto e bom som*, para lhe não roubarmos a frase do seu precioso artigo,—que, se assim se resignou, foi para evitar a derrota formidável que ia apanhar no caso de repetição de novo acto eleitoral.

Bem sei que o golpe foi *rude* e *cruel* e bem custoso de *gramar;* mas tenha paciencia e coragem para suportar estes infortúnios, pois não se pode mamar toda a vida.

A mágua sua, snr. Gaspar Pimenta, está a obriga-lo a fazer coisas dum verdadeiro alucinado, pois o snr. diz que eu lhe chamei palavrões no meu anterior artigo? Com isto quer o snr. mais uma vez desafiar-me a que lhe chame mentiroso, não é verdade?

No meu artigo não existem palavrões, nem eu estou acostumado a escreve-los ou pronuncia-los.

O snr. é que foi logo para esse campo, e com franqueza, a leitura do seu escripto publicado na «A Velha Guarda», ao n.º anterior, degrada-o e é só própria de pessoas de fundilhos rôtos.

O snr., por certo, nunca escreveu para nenhum jornal, e dahi o vir a publico desvairadamente mostrar-se, julgando fazer boa figura a produzir asneiras e pataratas.

Eu quando me dirigi á sua pessoa na «A Velha Guarda» foi unicamente em defeza da verdade e para sacudir as suas falsas acusações, e isso não me merecia o sr. voltar novamente á Gazeta, e qual féra, *morde aqui, morde acolá.*

Mas, como o seu fim é exibir-se e dispôr da sua sabedoria, pronto a dar lições em público de incivilidade e quejandos, vamos também indicar-lhe em público, e por último um logar único onde essas suas *sciencias* poderão ter aproveitamento:—nos sertões africanos, aos selvagens pretos.

E ponto final.

J. T.

Urgezes, 1930

Pela Imprensa

"Reporter X,,

Sumário do número 14:

«Um drama português em Paris»—E' a evocação de um episódio comovedor da grande guerra, em que um português morre ignoradamente pela sua Pátria, assassinado por espiões estrangeiros em um hotel de Paris.

«O homem que morreu envenenado»—E', com nomes supostos, o relato de um monstruoso crime praticado em Lisboa e que misteriosas influências remeterem ao silêncio.

«Os despojos do crime»—Para onde irão os despojos do crime e da morte? Os objectos que pertenceram aos assassinados, às vítimas de desastres, aos que falecem sem identificação, aos párias e aos mendigos que a Parca levou, que destino terão? Eeis o que se revela nêste curioso artigo.

«O Satiro de Coruche»—E' definitivamente desmascarado o homem que atraia raparigas a uma cilada de emprego vantajoso, para as manchar na sua honra.

«Os dramas misteriosos e ignorados da província»—«Reporter X» vai organisar, por todo Portugal, uma *tournée* dos seus redactores, desenhadores e fotógrafos, de que resultará uma série de reportagens sensacionais.

«Negócios que nem lembram ao diabo», «Homens e factos do dia», «O perigo amarelo», «Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?»—e outros artigos, tornam êste número do «Reporter X», como os anteriores, a mais interessante revista e o mais sensacional semanário da Península.

Assinai 'A Velha Guarda'

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

"A PREVIDENTE"

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—*Dr. José Figueira d'Andrade*, advogado
Cons. Fiscal—*Dr. Guilherme Machado Braga*, médico
Direcção—*José Pinheiro*, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobreviencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessôa a quem o socio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes à data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivência

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidos na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO

TELEFONE 4.750

Aceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente—Alberto Gomes Alves

Rua da República, n.º 85.